



ESCOLA SUPERIOR DE ENFERMAGEM IMACULADA CONCEIÇÃO

INFORMAR

Revista de Formação Contínua em Enfermagem

Ano IX - N.º 31 • Setembro/Dezembro 2003

PUBLICAÇÃO SEMESTRAL



Recensão

BELL, Judith, Como Realizar um Projecto de Investigação (Revisão do texto de José Soares de Almeida e revisão científica de José Machado Pais), Lisboa, Gradiva - Publicações, Lda, 1997, 212 pp.

Ana Isabel Silva

Professora Adjunta da Escola Superior de Saúde Egas Moniz. Lic. Enfermagem, Enf^a Especialista Saúde Mental e Psiquiatria. Psicoterapeuta de Aconselhamento. Mestre em Comunicação em saúde - vertente especialização - Psicologia Clínica da saúde



Esta 2^a edição surgiu devido ao êxito da 1^a edição, em virtude da obra se ter tornado um texto obrigatório em muitos cursos universitários e de pós-graduação. A 1^a edição resultou da experiência acumulada no ensino de métodos de pesquisa a estudantes pós-graduados da universidade britânica.

Esta publicação revela-se desde logo meritória, pois dá a conhecer o seu objectivo, sendo destinada a principiantes, que se vão familiarizar com a terminologia e procedimentos sugeridos e que mais tarde poderão prosseguir para trabalhos de natureza mais complexa. Trata-se de uma obra dividida em 3 partes e 12 capítulos. O 1^o capítulo, Abordagens à pesquisa educacional, fala-nos dos investigadores quantitativos e qualitativos e da diferença entre eles. Refere-nos também alguns estilos de pesquisa nomeadamente: investigação-acção e modelo do professor investigador; estudo de caso, estilo etnográfico; inquéritos e

estilo experimental. Ficamos cientes de que a investigação-acção também se poderá adaptar a qualquer situação, desde que se queira mudar uma técnica.

Em relação ao Estudo de caso, somos alertados para a vantagem de que o investigador se concentre numa situação ou caso específico. O Estilo etnográfico, para nós é o estilo mais ambicioso e difícil, essencialmente devido à falta de tempo.

Como nos refere a autora, há a necessidade de o investigador ser aceite pelos grupos ou indivíduos que fazem parte do estudo, para que possa desenvolver a sua capacidade de observação.

Ninguém ignora, tal como Bell, que os inquéritos são o método mais fácil de recolher informação. E por último, o estilo experimental, que permite tirar conclusões acerca de causas e efeitos, se se tratar de uma experiência bem concebida.

Mas os problemas que se colocam, lendo o livro com a particular disponibilidade, afigu-

ram-se suficientemente pertinentes, por exemplo, a questão que métodos escolher. Esta opção só tem sentido se se compreender as principais vantagens e desvantagens de cada abordagem para que a selecção da metodologia seja profícua.

O 2º capítulo ajuda-nos a planear a investigação desde o início e alerta-nos para verificar o que já foi escrito sobre o tema, essencialmente para não correremos o risco de estar a repetir o que já foi dito.

Bell fala-nos de muitos projectos que se iniciam com hipóteses ou objectivos fornecendo as hipóteses uma linha de orientação ao investigador. O esquema de trabalho bem como a calendarização são muito importantes. Esta última deve existir, mas pensamos que não deve ser muito rígida, uma vez que, dependendo da personalidade do investigador, esta poderá tomar-se um problema.

No 3º capítulo, Registo de Informação e Notas, a autora salienta a necessidade de se fazer um registo, pois poderá haver uma perda de informação se não o fizermos e, e uma perda de tempo na sua procura.

A autora refere, e muito bem, a necessidade de nos organizarmos no que respeita a referências bibliográficas, tomar notas e preparar o trabalho escrito, categorização dos dados e anotação de citações.

É muito mais fácil trabalhar com método e especialmente com um método escolhido por nós.

No 4º capítulo, a autora fala-nos da Revisão Crítica da Bibliografia e orienta-nos no sentido de como fazer a primeira pesquisa bibliografia. Neste capítulo ainda nos alerta para a situação de muitas vezes a fase da leitura se prolongar pela fase de recolha de dados.

No que respeita à selecção das fontes indicada pela autora, achamos que a ordem que nos é referida não é necessariamente obrigatória, o mais importante é percorrer todas as fontes mencionadas.

O capítulo 5, Negociação de acessos e problemas de pesquisa «interna», alerta-nos para a ética, a confidencialidade de algumas informações, bem como de consultar o orientador sempre que haja dúvida. Termina este capítulo com uma advertência espectacular que nos leva a pensar na colaboração que já demos a outros projectos e a que poderíamos ter dado.

A II Parte fala-nos da Selecção dos métodos de recolha de dados: poderá ser feito um estudo que recorra a inquérito e seja quantitativo ou um estudo de caso, considerado qualitativo. É útil recordar que se tenha sempre em atenção as restrições, nomeadamente o factor tempo.

O capítulo 6, Análise de Dados Documentais, refere os tipos de documentos mais comuns numa pesquisa: fontes escritas ou impressas. Fala-nos das fontes primárias, como esta se dividem bem como das secundárias. Salienta ainda como se seleccionam os documentos e a análise crítica dos mesmos; critica externa e interna, que ilustramos com a seguinte frase:

«os autores raramente declaram as suas opiniões, sendo por isso, tarefa do investigador expô-las na medida do possível». (96).

No capítulo, Conceber e Aplicar Inquéritos, Bell citando Oppenheim (1966,VII) no prefácio da sua obra Questionnaire Design and Altitude Measurement, afirma que:

«o mundo está cheio de gente bem intencionada que acredita que qualquer pessoa que escreva numa linguagem simples e fluente possua um senso comum inédito consegue elaborar um bom inquérito».

Fala-nos do tipo de questão e da estrutura das mesmas. Ter atenção à ambiguidade, imprecisão e suposição, nunca colocar questões duplas, capciosas, questões que pressupõem algo, hipotéticas, ofensivas ou abor-dem assuntos delicados.

É de grande importância um questionário com uma apresentação cuidada e bem preparado.

Devemos testar os questionários e para tal a autora elucida-nos para algumas perguntas que devemos colocar às «cobaias». Perante a lista apresentada sugere-nos referir mais uma - Havia questões que o/a incomodaram? Se sim, quais?

Estamos de acordo com a autora no que diz respeito ao anonimato das pessoas que respondem ao questionário, no entanto isso leva-nos a não podermos, se necessitarmos, contactarmos de novo os inquiridos.

No 8º capítulo, Planear e Conduzir Entrevistas, refere-nos a vantagem da entrevista, tipos de entrevista e como se prepara a entrevista. Dos três tipos de entrevista achamos o de mais utilidade a entrevista guiada, por dar alguma liberdade ao entrevistador. Em relação aos factores apontados que podem influir nas respostas, acrescentaríamos a empatia entre entrevistador/entrevistado.

É de muita importância, o local segundo a autora, a que acrescentaríamos a hora da entrevista, uma vez que no final do dia, após um dia de trabalho, o entrevistado terá menos disponibilidade afectiva do que durante o dia, tendo sempre em atenção as horas a que cada pessoa funciona da melhor maneira.

O 9º capítulo, Diários, começa por dar uma definição dos mesmos, salientando a sua importância. Pensamos que este método é difícil de ser utilizado, uma vez que as pessoas já têm um tipo de vida muito ocupado, dificilmente colaboram em fornecer informações.

No 10º capítulo, Estudos Baseados na Observação, a autora caracteriza o que é a observação, as suas vantagens e tipos de observação. E de salientar que a observação participante é de uma riqueza largamente vantajosa.

Fala-nos do registo e análise da observação, essencialmente dos meios audiovisuais. Se for bem preparada, através da observação poder-se-ão descobrir informações impensáveis, bem como o tipo de dados que se recolhe no final.

Depois da observação, é importante registar a mesma. Pensamos tal como a autora refere que os gráficos, tabelas e listas são muito úteis, mas não registam as emoções, tensões e intenções escondidas e acrescentaríamos os afectos das pessoas.

A III Parte, Interpretação dos Dados e Apresentação das Conclusões, fala-nos essencialmente de como se pode interpretar os dados.

No 11º capítulo, Interpretação e Apresentação dos Dados, a autora salienta o significado dos dados e do valor que estes não têm se não forem organizados por categorias. Apresenta-nos métodos simples para a sua apresentação: quadros, tabelas, histograma, grelha, fazendo observações em relação às suas vantagens. Em relação às questões abert-

tas orienta-nos (com mão segura) para o fazer após ter recebido as respostas e sugere citando Michael Youngman (capítulo 7)

«que é possível que seja necessário recorrer a uma forma qualquer de análise de conteúdo para poder trabalhar com o material assim obtido.»

O 12º e último capítulo, Redacção do Trabalho, a autora faz referência a como deve ser redigido um trabalho, redacção que se deve iniciar ou começar a pensar no início da pesquisa. Deve-se experimentar alguns métodos e escolher aquele com o qual sentimos maior afinidade, não esquecendo de aprender com os erros cometidos pelos outros. Sugere-nos um plano para a redacção do trabalho e como deve ser estruturado.

Em relação a como rever o relatório, achamos pertinente a observação da autora no que diz respeito a colocar de lado o que já foi redigido para posteriormente voltar a ler, bem como dar a alguém para ler.

E para finalizar, refere-nos 22 questões para colocarmos a nós próprios no sentido de avaliar a própria pesquisa. Pensamos que poderíamos utilizar estas mesmas questões e dar à mesma pessoa a quem pedimos a leitura do relatório, para uma 2ª avaliação da pesquisa.

Como se pode perceber, quer pelos múltiplos aspectos e intersecções da temática abordada, quer pela sua riqueza referencial, a obra de Bell, Como Realizar um Projecto de Investigação, é uma obra que poderia ser recomendada a uma vasta tipologia de leitores, não necessariamente a estudantes pós-graduados.

A sua mensagem de fundo coincide com a viva necessidade que todos os alunos sentem ao realizar projectos de investigação.

